

## **Uma experiência de qualificação de acervo etnográfico realizada pelos indígenas.<sup>1</sup>**

*Sheila Maria Guimarães de Sá,  
CPDOC/FGV e Museu do Índio*

*Coleções Etnográficas, Protagonismo Indígena, Etnologia Indígena*

Minha intenção é fazer um breve relato de um trabalho de pesquisa em curso junto ao Museu do Índio. O objetivo envolve pensar sobre a parceria do Museu com os povos indígenas no tocante a leitura étnica dos acervos sob sua guarda, com foco nas oficinas de qualificação do acervo etnográfico.

### ***Antecedentes***

No final dos anos 70 e início dos anos 80 vimos o surgimento do movimento dos povos indígenas no Brasil em busca de direitos e cidadania. Nos anos 90 esse movimento se intensificou. Podemos dizer hoje que o movimento amadureceu e o protagonismo dos povos indígenas vem se consolidando em diversas áreas do conhecimento.

Quero aqui neste trabalho discutir o que podemos considerar como sendo uma nova frente onde esse protagonismo começa a se fazer presente, ou seja, na esfera das ações museais, a partir da experiência de trabalho que temos desenvolvido junto com alguns pesquisadores e artesãs e artesãos indígenas no tocante a leitura étnica dos acervos de arte indígena sob a guarda do Museu do Índio. Essa é uma leitura inicial desse processo, cuja pesquisa visando à sistematização dessas experiências encontra-se em desenvolvimento.

A leitura desses acervos pelos próprios indígenas, qualificando-os e requalificando-os joga luzes ao conhecimento sobre esses objetos que são apresentados como sendo arte dos povos indígenas no Brasil. O modo de fazer, os materiais, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

confeção e a seleção do que mostrar e não mostrar e como mostrar é redefinido nesse processo.

Interessa-nos aqui apresentar algumas experiências que consideramos bastante significativas, dentre tantas outras, ocorridas no âmbito das oficinas de qualificação do acervo. E em especial as oficinas coordenadas pelo Serviço de Estudos e Pesquisas da Coordenação de Divulgação Científica - SEESP/CODIC/MI e a Coordenação de Patrimônio Cultural – COPAC/MI.

Enfatizamos aqui duas questões: uma o protagonismo das mulheres artesãs Marubo ao fazerem a leitura étnica/qualificação do acervo adicionando novos conhecimentos sobre os objetos sob a guarda do museu, e outra sobre o significado de arte e beleza das mulheres Marubo, a partir da qualificação/descrição dos objetos.

### ***Museus como novas fronteiras para o protagonismo indígena***

Em novembro de 2009 eu tive a oportunidade de estar presente na mesa onde se dava início oficialmente a primeira Oficina de Qualificação do Acervo Etnográfico Xavante sob a guarda do Museu do Índio. Na ocasião estava presente o staff do Museu do Índio, no qual me incluo, como representante do SEESP/CODIC/MI, a COPAC/MI, responsável pelo evento e o Serviço de Comunicação Social. A coordenação técnica esteve a cargo do antropólogo James Welch, pesquisador externo, e responsável pelo Projeto Xavante no âmbito do subprograma de Documentação das Culturas do Programa de Documentação de Línguas e Culturas do Museu do Índio – ProdoCult/PROGDOC/MI/UNESCO.

As velhas lideranças Xavante, convidadas para a Oficina, sentaram-se à mesa e deram início à leitura de parte do acervo textual anteriormente selecionado e à qualificação do acervo etnográfico, acompanhados de alguns tradutores Xavante; lideranças como cacique, professores indígenas e indígenas, membros da burocracia da Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

Os jovens indígenas Xavante, em processo de aquisição de novos conhecimentos externos a aldeia e membros do projeto, como pesquisadores indígenas, encontravam-se nos jardins do museu participando de uma oficina de capacitação em informática e audiovisual, com ênfase em manuseio de câmera, capacitando-os a realizarem seus próprios registros nas aldeias.

Num determinado momento, a leitura de um documento do extinto Serviço de Proteção aos Índios - SPI sobre a doação de terras que supostamente os Xavante teriam feito ao governo local nos anos subseqüentes ao contato deixou os velhos líderes Xavante profundamente indignados. Nesse momento, após conversarem entre si, nos solicitaram que ligássemos as câmeras, e chamaram os jovens Xavante que os acompanhavam para que ouvissem o relato dos mais velhos sobre sua história e a mentira que constava nos documentos. Suas versões dos fatos ocorridos foram registradas.

Quando da apresentação do acervo etnográfico os velhos Xavante ficaram tão contentes e empolgados em rever algumas peças tão conservadas que entoaram cantos relativos a algumas das peças enquanto as descreviam. Diante de outras ficaram em profundo silêncio respeitoso e comentaram sobre o fato de que elas não deveriam estar ali. Suas restrições de mostra-apresentação dos objetos foram registradas.

O conjunto das novas informações sobre cada uma das peças etnográficas foi registrado nas fichas catalográficas e museológicas e incorporadas à base de dados do Museu do Índio, sendo adicionadas ao conhecimento já existentes, tornando-se posteriormente acessíveis a todos os interessados resguardados as restrições solicitadas.

A participação nessa conversa com os Xavantes nos deu a certeza, e ao staff do museu, de que o trabalho esporádico que se fazia até então deveria ser formulado e refletido de forma a se tornar uma constante no museu. Deu-nos a certeza de um caminho a seguir no tocante à realização de uma (re) leitura do acervo museológico pelos próprios indígenas. Qualificação, identificação, leitura do acervo etnológico por representantes das etnias documentadas passaram a ser uma preocupação programática no âmbito do Museu por meio da COPAC e dos projetos do ProdoCult e do SEESP/CODIC, que criou o projeto especial Oficinas Conversa sobre Patrimônio Cultural, em 2010, quando do aporte de recursos no Museu do Índio por meio da Ação de Promoção Cultural dos Povos Indígenas (PPA 2008-2011), onde o centro de interesse estava definido para o fomento das atividades de produção, registro e documentação da cultura material dos povos indígenas no Brasil e mais recentemente também para ações museais pelos indígenas.

### *Museus como zonas de contato e novas perspectivas e debates*

As coleções de peças etnográficas sob a guarda do Museu do Índio foram formadas em sua maioria no final dos anos 40 e 50 do século XX. A coleta das peças nas terras indígenas nem sempre obedeceu a critérios técnicos metodológicos, o que ocasionou a ausência de informações sobre sua produção e contextualização. De forma a buscar corrigir esta lacuna, o projeto especial Conversa sobre Patrimônio Cultural e Oficina de Qualificação do Acervo pelos Indígenas buscou dialogar e atender a demanda de artesões por conhecer o acervo do Museu. Assim passou a criar a oportunidade para que os indígenas conhecessem o acervo do Museu relativo à sua etnia e realizassem a revisão e qualificação das coleções visando agregar a essas coleções informações que as contextualizem no universo espaço temporal da etnia da qual são originárias. Assim as coleções são qualificadas pelos pesquisadores indígenas para o melhor entendimento de sua natureza e significado pelos pesquisadores não indígenas e indígenas que a elas tiverem acesso.

As coleções etnográficas são patrimônio cultural tangível e intangível que, enquanto documento, podem informar sobre a etnia produtora e seus processos produtivos. Daí a importância de disponibilizá-las com o maior número de informações possíveis.

Os museus etnográficos enquanto guardiões oficiais dessas coleções precisam enfrentar e responder sobre a necessidade de estabelecer um novo diálogo com as comunidades indígenas, especialmente com as artesãs e os artesões, no sentido de aproximar as novas gerações das coleções existentes sob sua guarda. Precisam se perguntar sobre seu papel face às relações assimétricas e de poder que mantêm com esses objetos e com as comunidades das quais são oriundas. No entanto nem sempre os técnicos e administradores são sensíveis a essa questão.

Arte, cultura e história, bem como narrativas políticas estão presentes em cada um dos objetos, e somente a identificação étnica desses objetos será capaz de apontar para os museus e seu staff, no processo de qualificação, como melhor preservá-las e divulgá-las tanto para o público não indígena como para o indígena atual e suas futuras gerações. Afinal nem todo objeto musealizado e apresentado como arte foi criado como tal. Produzidos em diversos contextos, sejam eles mágicos-religiosos, utilitários ou

ornamentais carregam em si narrativas para além do contato e da compreensão da cultura ocidental.

### *Sobre a qualificação do acervo etnográfico realizada pelos indígenas*

Somente a partir do ProdoCult, em 2009, se incorpora à Oficina de Qualificação do Acervo Etnográfico por Indígenas a característica do projeto ProdoCult, ou seja, a coordenação técnica da Oficina por pesquisadores externos associados às universidades junto com a da COPAC/MI.

A qualificação do acervo etnográfico sob a guarda do Museu do Índio realizada pelos indígenas até então vinha sendo feita de forma pontual e esporádica, sem uma metodologia definida, sob a iniciativa voluntária das museólogas da COPAC/MI, quando da visita de indígenas cuja etnia estivesse representada no acervo e sem um estudo anterior da coleção ou da etnia.

A partir de 2011, no âmbito do Programa de Apoio a Projetos Culturais dos Povos Indígenas, inicia-se o projeto especial Conversa sobre Patrimônio Cultural e Oficina de Qualificação do Acervo pelos Indígenas, sob a coordenação técnica dos pesquisadores do SEESP/CODIC/MI e da COPAC/MI, incorporando a vertente do programa, ou seja, de apoio aos projetos culturais dos indígenas e de suas comunidades, em parceria com os técnicos pesquisadores das Coordenações Regionais da FUNAI, as CRs.

Entre os anos 2009 e 2015 foram realizadas 26 Oficinas de Qualificação do Acervo Etnográfico por indígenas no Museu do Índio, sendo 21 no âmbito do ProdoCult/PROGDOC e 05 no âmbito do Programa de Apoio a Projetos Culturais dos Povos Indígenas.

As 5 Oficinas realizadas no âmbito do Programa de Apoio a Projetos Culturais dos Povos Indígenas, sob a coordenação técnica do SEESP e da COPAC foram as seguintes: em 2011 a Oficina Marubo, sendo qualificado o acervo de adorno/miçangas e cerâmica, sob a coordenador de Varin Mëma (Nelly Barbosa Duarte Dollis), artesã e antropóloga Marubo, e a coordenação técnica institucional de Eduardo Barcellos, etnoeconomista; em 2012 realizou-se a Oficina Terena, com qualificação de parte do acervo em cerâmica, sendo o professor Terena, Benjamim Sebastião Farias, o coordenador indígena e Eduardo Inagaki, e Sheila Sá, os pesquisadores coordenadores. No ano de 2012 ainda realizou-se a Oficina Fulni-ô, onde foram qualificados os acervos

ecléticos e cestaria sob a coordenação indígena do artesão e líder religioso Jailson Correia Daca e do artesão e professor Jemerson Caetano de Sá. A coordenação técnica foi de Sheila Sá e da designer Carla Romana, pesquisadora externa. Essa Oficina incluiu também a leitura étnica de parte do acervo etnológico Fulni-ô sob a guarda do Museu Nacional/UFRJ, que contou com a coordenação técnica do historiador Crenivaldo Regis Veloso Junior.

No ano de 2014 foram realizadas as duas outras Oficinas: uma Kadiwéu e outra Terena. A Oficina Kadiwéu qualificou parte do acervo em cerâmica, com a ceramista Olinda Vergílio Pires. E a ceramista Terena, Rosenir Batista qualificou o acervo em cerâmica e cestaria <sup>2</sup> Em ambas os antropólogos Rômulo Sá e Renata Curcio Valente fizeram a coordenação técnica. Em todas as oficinas a museóloga Maria José Sardella foi a coordenadora técnica pela COPAC/MI.

As Oficinas realizadas no âmbito do ProdoCult foram as seguintes:

2009 – Oficina Xavante – Foram qualificados parte dos acervos etnográficos e realizada leitura selecionada do acervo documental textual pelas velhas lideranças e pesquisadores do projeto, sob a coordenação do pesquisador externo, antropólogo James Welch.

2012 - Oficinas Erikbatsa e Meinaku

2013 - Oficinas Enauene Naué; Kalapalo; Kaiabi; Kayapó; Marubo e Kuikuro<sup>3</sup>

2014 - Oficinas Surui; Baniwa; Kalapalo; e Mathis

2015 - Oficinas Guarani Kaiowá; Kalapalo; Krahô; Kulina; Pataxó; Mathis e Tupiniquim<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Esteve presente nessas oficinas a ceramista Kinikinau, Águeda Roberto. Na ocasião foram iniciadas conversas visando à possibilidade de aquisição de uma futura coleção. O acervo do Museu do Índio tem dois objetos da cultural material Kinikinau (coleção Rômulo Sá e Eduardo Inagaki, doadas em 2013).

<sup>3</sup> Nesse ano ocorreu a montagem de manequim da etnia Yekuana visando participação na futura exposição no M.I. *No Caminho da Miçanga*.

<sup>4</sup> A cultura material Tupiniquim não estava representada nos acervos do Museu, o que significa, portanto nova aquisição de acervo.

Em todas as oficinas a coordenação técnica foi realizada pelos pesquisadores externos responsáveis pelos projetos específicos e pela COPAC. No momento ainda não dispomos dos dados consolidados dessas oficinas e dos indígenas participantes devido ao fato de que a pesquisa encontra-se em curso.

De todas as experiências realizadas, destaco aqui alguns pontos das oficinas coordenadas por nossa equipe.

### ***Conversa sobre Patrimônio Cultural dos Povos Indígenas - A Oficina de Qualificação do Acervo Etnográfico Marubo***

Tradicionalmente os adornos da etnia Marubo são produzidos pelas mulheres artesãs. Conscientes de seu papel na comunidade e das dificuldades que atualmente enfrentam, seja no tocante a administração da vida cotidiana em todas as suas esferas, bem como quanto à produção de objetos da cultura material, utilitária ou decorativa. E ainda em face da crescente escassez e dificuldade de aquisição da matéria prima tradicional de confecção dos adornos, o aruá (caramujo), as mulheres Marubo resolveram criar uma Associação de Mulheres voltada para o fortalecimento da cultura da produção do artesanato. A Associação em parceria com a CR local resolveu participar do Programa de Apoio a Projetos Culturais dos Povos Indígenas, Chamada de Projetos 2011.

A iniciativa foi selecionada para participar do projeto especial Conversa sobre Patrimônio Cultural, que produziu com a COPAC a realização da Oficina de Qualificação do Acervo Etnográfico Marubo. A seleção se deu a partir do interesse das mulheres artesãs Marubo, participantes da Associação, em conhecer o Museu do Índio ao saberem que naquele espaço, até então desconhecido, havia uma coleção de peças Marubo, que havia sido formada nos anos 1970 pela antropóloga Delvair Montagner, bem como de seu desejo de estabelecer novas relações políticas. As artesãs por meio do Programa, no ano de 2010, já haviam adquirido miçangas e realizado uma oficina de repasse de saber na Terra Indígena Vale do Javari/AM, onde as mulheres artesãs mais experientes transmitiram seus conhecimentos e saberes para as mais jovens. Resolveram então doar alguns objetos de sua arte para o Museu do Índio, bem como demonstrar para a equipe técnica do museu como elas eram confeccionadas e a forma como são utilizadas e exibidas.

As artesãs aportaram no museu trazendo em suas bagagens as matérias primas necessárias parcialmente preparadas, bem como algumas peças com a confecção já iniciada pensando em agilizar o processo e o registro das fases de produção dos artefatos durante a realização da oficina. Na oficina nos chamou a atenção a apresentação de algumas peças e o significado a elas atribuídos pelas artesãs Marubo. O significado de beleza

#### Oficina Marubo – Sobre a arte e beleza da mulher Marubo

A primeira fase da oficina consistiu de uma visita as Reservas Técnicas do Museu onde as mulheres Marubo tiveram a oportunidade de visionar as peças do acervo Marubo, cerâmica e adorno corporal.

Durante a realização da oficina nos chamou atenção as conversas sobre a qualificação dos objetos classificados no acervo como adorno corporal feminino e masculino, e em especial os colares confeccionados em aruá, objetos muito valorizados pelas mulheres.

Cabe esclarecer que o aruá (o caramujo) é a matéria prima tradicional para a confecção dos colares Marubo, e que recentemente tornou-se um material escasso e, portanto de difícil acesso. Assim as artesãs vêm paulatinamente substituindo esse material por outros mais acessíveis. Em suas experiências em busca de novos materiais descobriram o PVC e a miçanga como matéria para a confecção de seus adornos. Durante a oficina confeccionaram colares em aruá, em PVC e miçangas. Segundo as artesãs o trabalho com miçangas entre as mulheres Marubo é de aquisição recente. Algumas artesãs datam do início dos anos 2000.

Ao iniciar a leitura étnica do acervo em rodas de conversa sobre patrimônio cultural Marubo visando à qualificação dos objetos visionados e em face aos objetos que estavam sendo no momento confeccionados, as mulheres Marubo começaram a narrar sobre a arte e a beleza das mulheres Marubo.

As artesãs consideraram que uma parte significativa da beleza da mulher Marubo esta no conjunto de colares que ela exhibe no corpo. A mulher Marubo demonstra que está bem e feliz quando ela usa colares, pintura corporal e batom vermelho. O uso de colares, são vários ao mesmo tempo, as torna atraente para os olhares masculinos Marubo. Assim as mulheres Marubo demonstram sua vaidade e



beleza e estarem bem com a vida por meio do uso de adornos e em especial colares no dia a dia, e não apenas durante as festas e rituais.

Segundo Nelly Barbosa Duarte Dollis/ Varin Mëma, antropóloga e tradutora Marubo, “Os enfeites são como roupas, são para serem usados diariamente e não somente em festas. Mas há colares específicos para festas e para o dia a dia. Se por acaso o que ela estiver usando no momento a incomodar, a mulher tira para ter mais conforto e depois, mais tarde põe de novo, ou põe outro, escolhe outro.” Este tipo de adorno do corpo (bandoleira cruzada) é flexível e se ajusta ao corpo da mulher conforme o seu contorno corporal, e os seus movimentos, ou seja, a mulher precisa constantemente ajustar/ajeitar o colar ao seu corpo. Esse movimento de ajuste constante do colar ao corpo confere a mulher Marubo um tipo de graciosidade, leveza e charme.

Segundo as artesãs as mulheres Marubo se pintam e se enfeitam porque todo tempo é festa. A vida é festa, é para ser celebrada. Elas consideram que a mulher que não se pinta, não se enfeita, não está bem, está deprimida. Em ocasião de luto na aldeia a mulher que é a mãe ou a esposa do morto não se pinta. Também nessas ocasiões as mulheres não confeccionam adornos corporais.

Ficha Técnica: Adorno de Materiais Ecléticos, Indumentária e Toucador.  
Marubo. Cinto de miçangas feminino/Txiwite Panaka/Amazonas



Foto: Eduardo Barcellos

Descrição do objeto	Cinto de contas/miçangas (txakiri) industrializadas na cor branca enfiadas em linha industrializada de nylon. O cinto é trançado, entrelaçado em X. O cinto não apresenta nenhum tipo de fechamento ou ajuste. Do cinto pendem franjas que são confeccionadas também com miçangas, mas enfiadas em linha de algodão industrializada. No acabamento das franjas duplas de miçangas brancas encontra-se intercaladas três miçangas azuis.
Artesã	Ilda Dolis Rodrigues/ Ino Tamashavo Rovo Shavo/ Aldeia São Sebastião/T.I. Vale do Javari/AM
Dimensão e suporte	
Função	Adorno do corpo feminino. Uso no quadril
Matéria prima	Miçangas, linha industrializada de nylon, linha industrializada de algodão
Técnica de confecção	
Estado de Conservação	Bom. Confeccionado durante a Oficina Marubo/Set. 2011
Família lingüística	Pano
Coleção	Oficina Marubo 2011 – Oficina “Conversa sobre Patrimônio Cultural” – Etnia

	Marubo 2011 - SEESP/CODIC/MUSEU DO ÍNDIO
Referências	A Oficina Marubo 2011 foi documentada em vídeo. (visionamento somente com autorização)
Palavras-chaves	Adorno para o quadril; adorno feminino; cinto de miçangas; Marubo; Oficina Marubo 2011
Informações Técnicas	

As artesãs nos informaram que o cinto (Txiwite Panaka/cinto com movimento) é confeccionado a partir da medida do quadril da mulher que o usará. Eventualmente outra mulher de medidas próxima a que serviu de modelo poderá usá-lo devido ao fato de que o trançado em nylon apresenta uma leve elasticidade. As franjas são confeccionadas com miçangas enfiadas em linha de algodão com o objetivo de conferir movimento às franjas

Na língua Marubo - segundo Maria Anita Nascimento Santos Marubo/ Wanisai Wani Shavo - pesquisadora indígena e uma das tradutoras presentes na Oficina - “Txiwite” pode ser entendido como o movimento das franjas de contas e “Panaka” significa cinto. As mulheres Marubo presentes na Oficina indicaram que este é um cinto para mulheres com movimento nas franjas e que é o fato das franjas serem feitas com fio de algodão presas ao cinto fixo que possibilita o movimento. O cinto de nylon estará justo no quadril e as franjas estarão soltas para o movimento do caminhar. Esse movimento é muito importante para elas porque quando as mulheres andam e balançam os quadris as franjas se movimentam acompanhando o balanço do corpo e conferindo a mulher Marubo leveza e graça.

O cinto de contas/miçangas com movimento é uma introdução recente entre os adornos de corpo das mulheres Marubo. Ele é uma cópia produzida por uma artesã Marubo a partir de um cinto usado por mulheres de outra etnia indígena em Belém-PA (as mulheres presentes na Oficina não souberam explicitar qual etnia). As mulheres Marubo o acharam muito bonito e começaram a copiar. Esse trabalho com o cinto de miçangas se iniciou entre as mulheres Marubo a partir dos anos 2000. As artesãs Marubo têm grande criatividade e habilidade. E são conhecidas no Vale do Javari como as mulheres que gostam de se enfeitar.

É importante registrar que as mulheres Marubo tradicionalmente usavam um cinto no quadril com franjas confeccionado de fio natural de algodão, produzido por elas. No entanto o cinto tradicional de fibra de algodão não apresentava o movimento no quadril que o Txiwite Panaka lhes confere.

Segundo João Filho Dionisio Cruz Marubo/ Wani Meke Kamãpa, pajé Marubo, o “movimento” presente no cinto que as mulheres usam atualmente foi sonhado já há algum tempo por um velho pajé, que narrou o sonho para algumas mestras artesãs. Ao se depararem com o “movimento” presente no cinto de miçangas, foi fácil adaptá-lo a cultura corporal Marubo.

Os homens Marubo não produzem adornos corporais, nem executam pintura corporal. Esse é um trabalho exclusivo das Mulheres Marubo. As mulheres Marubo confeccionam os adornos para seus maridos e filhos.

Ainda segundo o pajé João muitos dos desafios enfrentados no presente pelos Marubo já foram sonhados por velhos pajés. É por meio dos sonhos dos pajés, das rezas e das pajelanças que as novas situações enfrentadas no cotidiano Marubo são elaboradas e posteriormente discutidas com a comunidade. Cabe ao pajé sonhar e aconselhar/orientar as ações dos Marubo nessa atual dimensão de suas vidas espirituais.

Ficha Técnica: Adorno de Materiais Ecléticos, Indumentária e Toucador Marubo. Colar de miçangas. Amazonas

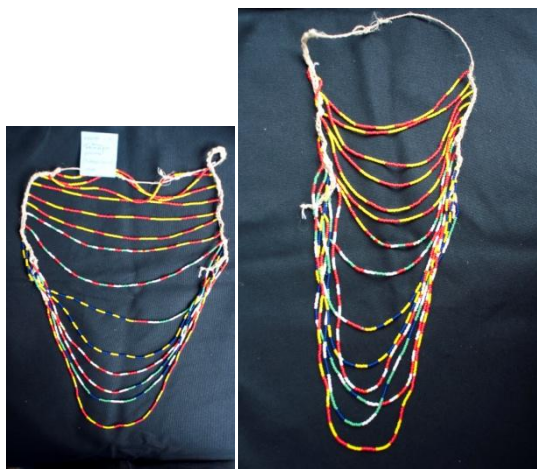


Foto: Eduardo Barcellos

No tipo de colar acima, segundo sua produtora, Nair Cruz Dionisio Marubo/ Korõ Meto, o suporte tradicional no qual as voltas são mantidas desniveladas e abertas é feito com dentes de macacos. Nesse colar foi usado a fibra de tucum como suporte apenas como efeito demonstrativo por não terem trazido dentes de macacos. Segundo a tradutora, as mulheres comentaram entre si ter sido um esquecimento grave.

Esse tipo de colar, com muitas voltas desniveladas fixadas em suporte de dentes de macaco tem a função segunda as informantes Marubo de enfeitar o colo da mulher destacando os seios e ao mesmo tempo protegendo-os. Quando usado aberto e preso pelas laterais (suporte de dente de macaco) à roupa, o colar toma toda a parte superior do colo feminino destacando os seios da mulher e conferindo-lhe destaque.

### Sobre os adornos para o corpo masculino

Os homens Marubo vestem o colar no dorso como bandoleira cruzada. O colar masculino tem a função de adorno e se ajusta ao corpo masculino. Ele se difere do colar feminino por apresentar um entrelaçamento em X como suporte para o uso. O entrelaçamento em X evita que o colar precise constantemente ser ajustado ao corpo como acontece com o uso pelas mulheres, garantindo aos homens um ajuste mais preso ao corpo, o que facilita os movimentos masculinos por serem considerados mais bruscos e menos graciosos do que os das mulheres. O entrelaçamento garante aos homens um uso mais seguro do colar.

Ficha Técnica: Adorno de Materiais Ecléticos, Indumentária e Toucador  
Marubo. Colar de miçangas, masculino, Amazonas

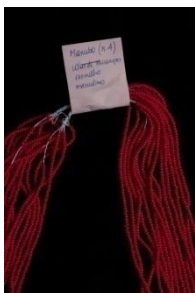


Foto: Eduardo Barcellos

Artesã: Suzana Lopes Marubo/ Satã Mashe/Aldeia Maronal/T.I. Vale do Javari/AM

O colar de miçangas com duas voltas presas por quatro detalhes representa segundo as pesquisadoras indígenas Maria Anita Nascimento Santos Marubo e Nelly Barbosa Duarte Dollis o rabo do pássaro *kaiskawâ* (as pesquisadoras não souberam informar o nome do pássaro em português) encontrado na região do Vale do Javari. Já o padrão de desenho trançado no pingente que pende do colar imita a folha de paxiuba (uma palmeira encontrada na região do Vale do Javari). É importante notar que as casas tradicionais Marubo são feitas com o tronco da paxiuba.

As franjas que pendem do colar de miçangas masculino adquirem “movimento” com o deslocamento do corpo no espaço. Podemos assim dizer que a idéia de “movimento” está presente nos adornos do corpo feminino e do corpo masculino.

Ficha Técnica: Adorno de Materiais Ecléticos, Indumentária e Toucador Marubo. Colar de miçangas, masculino Amazonas



Foto: Eduardo Barcellos

Artesã: Dionisia Doles Nascimento Marubo/ Rovo Tamasai Shavo/Aldeia Boa Vista/Rio Itui/T.I. Vale do Javari/AM

O padrão do desenho presente no cinto representa o desenho que os Marubo visualizam na cabeça do pássaro *vekatiwit* (as tradutoras não souberam informar o nome do pássaro em português) que pode ser encontrado na região do Vale do Javari/AM.

Ficha Técnica: Adorno de Materiais Ecléticos, Indumentária e Toucador Marubo. Cinto de miçangas, masculino. Amazonas



Foto: Eduardo Barcellos

O cinto foi confeccionado por Dionisia Doles Nascimento Marubo/ Rovo Tamasai Shavo/Aldeia Boa Vista, com miçangas brancas como base, e com detalhes em miçangas azuis, vermelhas, amarelas e verdes enfiadas em linha branca industrializada. Apresenta quatorze voltas de miçangas brancas como base com fechamento/ajuste traseiro com acabamento em fibra de tucum. O cinto apresenta um conjunto de seis

padrões de desenhos intercalados e unindo as voltas das miçangas brancas realizados com as miçangas coloridas, e a partir desses seis conjuntos de desenhos no cinto, pendem um conjunto de seis franjas separadas, sendo cada conjunto composto de dez franjas de miçangas brancas com acabamento nas pontas com miçangas coloridas azuis e vermelhas.

### Formas do protagonismo indígena no contexto museal

As peças confeccionadas em miçangas durante a oficina foram doadas ao Museu do Índio pelas artesãs Marubo para fazerem parte da coleção de empréstimo por terem sido consideradas por elas como sendo inadequadas para representá-las e ao seu povo no acervo, nas Reservas Técnicas. Elas se comprometeram na ocasião com o Museu que ao voltar para suas aldeias iriam produzir uma coleção em miçangas digna de representá-las e ao seu povo assim como as que visionaram na reserva técnica. Isso para que as futuras gerações de artesãs Marubo que visitassem o museu tivessem o mesmo orgulho do trabalho e da beleza dos objetos de suas antecessoras, como elas tiveram.

No encerramento da oficina, *Pekompa*<sup>5</sup>, pajé e cacique, que também participava da oficina, convidou o Museu e seu staff para participar da Festa *Wakaya*<sup>6</sup> que ele pretendia organizar para relembrar das coisas mais antigas dos Marubo (a referida festa já não era realizada há vinte anos) e para ensinar aos mais jovens. Segundo *Pekompa* essa inspiração lhe veio após ter visto as belezas que ainda existiam preservadas no Museu. Convocou na ocasião o Museu a apoiar a realização da Festa e a documentá-la para as futuras gerações, bem como para ficar guardada e preservada no acervo audiovisual Marubo no Museu do Índio. Assim estaria dando continuidade a Oficina, e estariam contribuindo para a qualificação do acervo, pois poderiam mostrar e narrar detalhadamente os preparativos da festa bem como a própria festa e os objetos a ela associados.

Terminada a oficina, as artesãs Marubo, membros representantes da Associação de Mulheres Marubo, foram convidadas para participar em colaboração da Exposição *No Caminho da Miçanga*, por sua curadora, Els Lagrou que esteve presente em uma das

---

<sup>5</sup> Esse é um dos vários nomes de Isko Nawavo Txoko Tama (Felipe Costa Marubo), aldeia Nazaré.

<sup>6</sup> *Festa Wakaya* - Trata-se de uma festa ritual tradicional da etnia Marubo que visa celebrar o encontro entre as várias aldeias e a paz entre todos os Marubo, e que se reveste de um caráter de destruição/renovação para esse povo.

rodas de conversa da oficina que foi conduzida em torno da história do contato e da aquisição das miçangas pelos Marubo.

A Oficina Marubo, Conversa sobre Patrimônio Cultural, foi realizada de 13 a 21 de setembro de 2011 na *Galeria de Arte Indígena* no Museu do Índio. A *Festa Wakaya* foi realizada nas Aldeias Nazaré e Boa Vista, na Terra Indígena Vale do Javari/AM em março de 2012 com apoio do Museu. O registro audiovisual e fotográfico de ambos os eventos encontram-se disponíveis para visualização no Museu do Índio.

Vale notar que as inovações técnicas, introdução do PVC e das miçangas, o reconhecimento das artesãs mais virtuosas – “os colares dela são os mais bonitos” -, as escolhas dos objetos confeccionados com maior arte e beleza – “o que melhor nos representa” - bem como inovações no design<sup>7</sup>, que nos foram narradas pelas artesãs, nos demonstram suas escolhas e novas aquisições diante de desafios oriundos de contextos ambientais e de sociabilidades adversos, bem como nos apontam caminhos para estudos sobre a história da arte Marubo.

Participaram da Oficina os seguintes representantes da etnia Marubo, da família linguística Pano, da Terra Indígena Vale do Javari/AM: Satã Sheta (Fernanda Vargas Domingos Marubo), aldeia Maronal; Satã Mashe (Suzana Lopes Marubo), aldeia Maronal; Ino Tamashavo Rovo Shavo (Ilda Dolis Rodrigues), aldeia São Sebastião; Varin Mëma (Nelly Barbosa Duarte Dollis), aldeia São Sebastião; Shawã Shavo Sheta (Marta Marubo Comapa) aldeia São Sebastião; Korõ Meto (Nair Cruz Dionísio Marubo), aldeia Boa Vista; Wani Meke Kamãpa (João Filho Dionísio Cruz Marubo), aldeia Boa Vista; Wanisai Wani Shavo (Maria Anita Nascimento Santos Marubo), aldeia Boa Vista; Rovo Shavo Tamasai (Dionisia Doles Nascimento Marubo), aldeia Boa Vista; Isko Nawavo Txoko Tama (Felipe Costa Marubo), aldeia Nazaré.

Na sala *Encanto* da Exposição *No Caminho da Miçanga: um mundo que se faz de contas*, inaugurada em 2015, no Museu do Índio, encontra-se em exibição a seleção e o arranjo realizado pelas mulheres da Associação Marubo, entre o acervo etnográfico sob a guarda do Museu e a coleção mais recente realizada por elas e doada ao Museu,

---

<sup>7</sup> A antropóloga Nelly Dollis nos informou posteriormente, em 2014, sobre as inovações ocorridas no design dos colares de miçangas. Uma artesã Marubo, da qual não soube precisar o nome, havia iniciado um processo de lixação das miçangas retirando-lhes o brilho e sua forma arredondada para que ficassem mais próximas/parecidas com o aruá, material tradicionalmente usado pelas artesãs Marubo para a confecção de seus colares.

agora já incorporadas ao acervo. São manequins representativos da família Marubo com seus corpos adornados de forma tradicional. É uma mostra representativa da arte e beleza do trabalho das mulheres artesãs Marubo e da parceria com o Museu do Índio que a Associação de Mulheres foi capaz de estabelecer.



*Foto: Eduardo Barcellos, 2015 – Mulheres Marubo durante a montagem da exposição no M.I.*

### Sobre as oficinas Terena e Kadiwéu

A Oficina de Qualificação do Acervo Etnográfico Terena surge do Projeto Inventário da Cultura Material Terena apresentado pela Coordenação Regional Campo Grande –MS – FUNAI, em parceria com reconhecidas artesãs e artesãos Terena, sendo aprovado no processo de seleção do Programa de Apoio a Projetos Culturais dos Povos Indígenas, na Chamada de Projetos Culturais para o ano de 2012. Os artistas Terena entenderam que a existência de um inventário ou catálogo que identificasse e descrevesse os objetos confeccionados por eles poderia vir a ser uma ferramenta facilitadora para alavancar a venda desses objetos, bem como disponibilizá-las para a venda pela internet. Entenderam ainda que essa ferramenta pudesse vir a ser usada nas escolas da aldeia facilitando o trabalho de reforço de conhecimento e valorização da cultura Terena. A intenção de conhecer o acervo Terena sob a guarda do Museu do Índio surge então como consequência da curiosidade dos artesãos e pesquisadores indígenas sobre o acervo, bem como em observar formas de catalogação e registro dos objetos.



Foram realizadas duas Oficinas Terena: uma em 2012 e a outra em 2014, no âmbito do evento *Arte da Terra – I Seminário sobre cerâmica indígena no Museu do Índio*, de 04 a 08 de novembro de 2014. Nesse período foi também realizada a Oficina Kadiwéu. Os dados referentes a essas oficinas encontram-se ainda em processo de consolidação pela pesquisa.

### ***Considerações sobre os desdobramentos e conseqüências das Oficinas de Qualificação do Acervo Etnográfico pelos Indígenas***

As conseqüências da realização das oficinas podem ser vistas sobre várias óticas, aqui destacarei duas: uma na ótica dos interesses de médio e longo prazo para a instituição museológica e outra sobre as conseqüências produzidas para os próprios indígenas, protagonistas do processo da leitura étnica dos acervos museológicos.

No tocante ao museu podemos identificar as seguintes conseqüências imediatas: o estabelecimento de parcerias com os povos indígenas; a agregação de novas informações a partir da (re) leitura étnica qualificada; o processo de alterações técnicas nas fichas catalográficas na base de dados do museu e a correção de informações anteriormente registradas.

Enquanto possibilidades podemos apontar para: a identificação das lacunas existentes no acervo; a elaboração de projetos específicos para complementar as lacunas identificadas no acervo; a aquisição de novas coleções específicas já qualificadas pelos indígenas; a aquisição de novas coleções qualificadas por indígenas de etnias não constantes nos acervos do museu e conseqüente ampliação de trabalho e a realização de mostras e exposições de acervos totalmente qualificados pelos próprios indígenas.

No tocante aos indígenas participantes das oficinas de qualificação e conseqüentemente para suas comunidades: o estabelecimento de parceria com os museus; o conhecimento do acervo de sua etnia sob a guarda do museu; a aquisição de novos conhecimentos informacionais e ferramentas técnicas produzidas no âmbito da instituição museológica, tais como: fichas catalográficas, processos de catalogação, acondicionamento e preservação do acervo; o reconhecimento de itens e procedimentos produtivos utilizados para a confecção dos objetos por antigos artesãos e artesãs de suas

comunidades; a aquisição de novos repertórios de padrões decorativos pelas novas gerações e o protagonismo em face da instituição museal.

Vale notar que está em processo a construção de uma metodologia de trabalho que visa à leitura dos objetos oriundos dos povos indígenas e musealizados, ou seja, tornados acervos etnográficos, pelos atuais pesquisadores indígenas interessados no visionamento e reconhecimento desses objetos de sua cultura material. A metodologia consiste em liberar e ampliar espaços na instituição museal para uma escuta atenta das vozes indígenas e seus relatos e leituras acerca dos objetos e seus significados. A construção do evento se dá em via de mão dupla, podendo partir do interesse dos povos indígenas, a exemplo da realização da oficina com a Associação das Mulheres Marubo. Em um primeiro movimento os pesquisadores técnicos, em geral antropólogos, historiadores, museólogos e outros, fazem uma primeira seleção de objetos constantes do acervo, tendo em vista o conhecimento que possuem da etnia e/ou do acervo. O segundo consiste no visionamento do acervo pelos pesquisadores indígenas e a realização de sua própria seleção de objetos desse acervo. O diálogo se inicia a partir do roteiro de conversa ou questionário aberto construído pelo pesquisador técnico/coordenador, sendo então realizado o registro audiovisual e fotográfico da oficina.

A quem interessa um discurso museal onde somente esta colocada a voz de seus dirigentes em favor de posturas cristalizadas?

Cabe assinalar que a realização das oficinas de qualificação do acervo etnográfico pelos indígenas de forma ainda embrionária criam no museu uma polifonia que pode vir a reverberar por todos os seus espaços, bem como para fora dele, criando a necessidade de construção de novas relações mais horizontais.

Destaco ainda que as relações entre as instituições museais e os povos indígenas no Brasil esta em processo de redimensionamento e renovação frente ao protagonismo indígena e as discussões acerca dos processos de descolonização. O discurso museal sobre parcerias com os povos indígenas surge desse processo, mas é ainda incipiente e pouco dá conta da assimetria dessas relações. Acredito que se faz necessário uma melhor compreensão da necessidade de se aprofundar nesses espaços a discussão sobre as relações históricas de poder advindas do contato, bem como da compreensão do que vem a ser relações de reciprocidade, enquanto formas justas de relacionamento com os

povos indígenas. Não digo que será fácil trazer à prática estas considerações, porém, não posso deixar de assinalar a potencialidade das oficinas enquanto caminho para o diálogo, a fim de estabelecer relações mais satisfatórias com os povos indígenas, de modo que se insiram no longo processo rumo a uma horizontalidade nessas relações.

### ***Bibliografia consultada***

CLIFFORD, James. Museums as Contact Zones. In: **ROUTES: Travel and translation in the late twentieth century**/James Clifford. Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London, England, 1997. 188-219p.

GOMES, Alexandre Oliveira e NETO, João Paulo Vieira. **Museus e memória indígena no Ceará: uma proposta em construção**. Fortaleza; SECULT, 2009. 263 p.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **O Retrato de menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, século XIX e XXI**. In: Tempo, vol 12; n.23, Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, 2007, p.85-111.

PRICE, Sally. **Arte Primitiva em Centros Civilizados**, Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 2000. 200p.

MUSEU DO ÍNDIO - **Oficina Conversa Sobre Patrimônio Cultural – Etnia Marubo 2011** – SESP/CODIC/MUSEU DO ÍNDIO – registro em vídeo, cópião. – acesso: COPAC/MUSEU DO ÍNDIO

[sheilamgsa@hotmail.com](mailto:sheilamgsa@hotmail.com)

[sheila.museudoindio@gmail.com](mailto:sheila.museudoindio@gmail.com)